

Insanidade, fantasia e olhares:

um ensaio estético e algumas aproximações entre o conto “O homem de Areia” de Ernst Hoffmann (1817) e o conto em quadrinhos “Amargo Despertar” (2019) de Lucas Freitas e Alberto Pessoa

Fabíola Cristina Alves

Uma aproximação pessoal

Este ensaio procura meditar sobre o imaginário que envolve o tema da insanidade, em especial, quando sua descoberta ocorre encarnada em obras estéticas fantásticas e imersa na percepção da estranheza, bem como, embebida na dúvida e na incerteza. Essa foi a experiência sensível que duas obras causaram à autora deste texto, a saber: “O homem de Areia” de Ernst Hoffmann (1817) e “Amargo Despertar” (2019) de Lucas Freitas e Alberto Pessoa. Ambas as obras são contos, a primeira, um conto do século XIX vivificado pelo lado mais sombrio do romantismo alemão; a segunda também é um conto, porém modernizado pela linguagem dos quadrinhos.

As duas obras, embora, separadas por mais de dois séculos, envolvem o seu leitor por uma estética fantástica, o coloca em correspondência com o imaginário vivido pelos protagonistas e desvelam um mundo irreal ao longo das narrativas apresentadas.

Fabíola Cristina Alves é Doutora em Artes Visuais pela UNESP. Professora Visitante no PPGAV UFPB/UFPE. Email: biula_alves@yahoo.com.br

No conto de Hoffmann, percebe-se como o texto literário impulsiona o leitor a vivificar as palavras e o percurso narrativo criado pelo escritor. Precisamente como Tzvetan Todorov (2008) afirma (...) “é próprio da literatura ser interpretada e reinterpretada infinitamente por seus leitores”¹. A literatura fantástica não foge dessa lógica, assim como a obra literária do alemão Ernst Hoffmann impregnada pelo universo fecundo da fantasia e da estranheza que moldou o romantismo na Alemanha, movimento que criou bases para o expressionismo alemão. O estilo romântico alemão não sofre com nostalgias, se aproxima mais do misticismo, se abre para o futuro e para as ficções de diversas origens.

O conto em quadrinhos também compartilha dessa abertura, principalmente, por ser essa linguagem um saber originário no universo sensível disponível e compartilhado no fazer desenhar. Vale lembrar as considerações de Mário de Andrade, para ele “o desenho fala, chega mesmo a ser muito mais uma espécie de escritura, uma caligrafia [...] Desenhos são para a gente folhear, são para serem lidos que nem poesias [...] são quadrinhas e sonetos”². A obra “Amargo Despertar” de Lucas Freitas e Alberto Pessoa potencializa essa qualidade do desenho, solicita a leitura, entrecruza os signos das palavras com os sentidos dados pelas imagens traçadas pelo experiente desenhista Pessoa. A identidade imagética adotada dialoga com os traços característicos da xilogravura de cordel e com a estética do

1. TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 81.

2. ANDRADE, Mário. *Do desenho*. In: *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. São Paulo: Martins, 1975, p. 73-4.

3. Um clássico do cinema mudo do estilo do expressionismo alemão, dirigido por Robert Wiene e lançado em 1920.

expressionismo alemão. Há algo de “Gabinete do Dr. Caligari”³ no todo do conto em quadrinhos.

As duas obras são curiosamente próximas, apesar da distância temporal, elas nos abrem dois mundos ficcionais extremamente parecidos estruturalmente, dois protagonistas iludidos em suas próprias insanidades, maneiras semelhantes de ver através dos olhos das personagens o mundo a partir da ótica do irreal.

O homem de Areia: os olhos, o olhar

O conto de Hoffmann começa com a narrativa reminiscente do protagonista Natanael ainda na sua infância. Todos os dias no final da noite sua mãe pedia para ele e seus irmãos subirem para o quarto e dormir, pois o homem de areia estava chegando. Uma broma materna que ganhou grande dimensão imaginária na mente do pequeno Natanael que acreditara ser o advogado Coppélius o terrível homem de areia, este homem sempre visitava seu pai para desgosto de sua mãe. O misterioso homem de areia arrancava os olhos das crianças para levá-los aos seus filhos na lua a fim de alimentá-los, conforme havia contado a velha ama-seca.

Nesta passagem do conto, Coppélius é ainda mais assustador quando surpreende o garoto.

“Bestinha! Bestinha!”, rosnou, rilhando os dentes. E, erguendo-me, aproximou-me tanto do fogareiro que a chama começou a me chamuscar o cabelo: “Agora, sim, nós temos olhos, olhos, um belo par de olhos de menino”, sussurrou, e, pondo as mãos no fogo, pegou um punhado de brasas para jogá-lo em meus olhos⁴.

4. HOFFMANN, Ernest Theodor Amadeus. *O Homem de Areia*. In: CALVINO, Italo (org.) *Contos Fantásticos do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, s/d, p. 55.

O tema “os olhos” conduzem o desenvolvimento do mistério que narra as lembranças, a paixão e a vida de Natanael. Quando adulto é o tema “os olhos” que o coloca novamente a frente de seu medo. Após a morte de seu pai e também do desaparecimento de Coppelius (supostamente envolvido na morte do pai), anos mais tarde Natanael cisma que o vendedor Coppola seria o velho Coppelius. É no encontro de Natanael com o vendedor que se começa a revelar outro mistério do tema “os olhos”. E é o mistério do falso olho que permite o leitor ver outras coisas. Na passagem:

“Não quero comprar barômetro nenhum, caro amigo! Vai embora, por favor!”

(...) Ah! non barrômetro! Non barrômetro! Eu vender olhos, lindos olhos!

Indignado, Natanael gritou!

“Seu idiota, que história é essa de vender olhos... olhos... olhos?”

Mas, deixando de lado os barômetros, Cappola enfiou as mãos nos bolsos enormes do casaco, tirou vários pincenês e óculos e os espalhou na mesa⁵.

É possível pensar nos óculos como falsos olhos que permitem Natanael a ver outra realidade. Após este encontro, o protagonista adquire falsos olhos e começa a trama de sua paixão por Olímpia, filha de Spallanzani. No desfecho da narração se revela a verdadeira natureza da visão de Natanael sobre sua amada, tão irreal quanto à moça que era uma boneca. No conto:

Natanael ficou estupefato. Tinha visto claramente que, em vez de olhos, havia duas negras cavidades no pálido rosto de cera de Olímpia; era uma boneca sem vida. Spallanzani continuava espojando no

5. Idem, p.68.

chão, os cacos de vidro haviam lhe retalhado a cabeça, o peito e o braço, o sangue jorrava aos barrões (...)

Então Natanael avistou o sangrento par de olhos jogando no chão, olhando fixamente para ele; Spallanzani os pegou como a mão ileso e jogou-se na sua direção, atingindo-o no peito. Foi nesse momento que a demência arrebatou o pobre Natanael com garras de fogo e, penetrando-lhe o espírito, destruiu-lhe juízo e a razão⁶.

Natanael imerso na sua loucura caminha no término da narração para o seu fim. Há na imagem e na narração de Hoffmann certo mistério do olhar e do não olhar. Para Todorov (2008) o tema “olhar” está presente em várias obras de Hoffmann, segundo o autor (...) “em Hoffmann não é o olhar em si mesmo que se acha ligado ao mundo maravilhoso, mas aqueles símbolos do olhar indireto, falseado, subvertido, que são os óculos e o espelho”⁷. Curiosamente, toda fantasia criada pela mente insana de Natanael também faz originar o mundo maravilhoso que advém sua paixão por Olímpia, ganhando vida após o episódio que dá a Natanael olhos falsos – os óculos. É como se a beleza de Olímpia fosse vivificada pelo falso olhar e só possível nessas circunstâncias.

O Amargo Despertar: a perseguição dos olhos

O olhar também se configura misterioso no conto em quadrinhos, aliás são os olhos, uma diversidade deles, o elemento que nos apresenta o protagonista do conto. Ele um homem que caminha sendo observado por algo ou alguém, em breve estará em fuga. Enigmati-

6. Idem, p.77.

7, TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 130.

camente esses olhos são apresentados ao leitor como imagens que causam estranhamento e apreensão. Igualmente revelam que o protagonista também narrador não está só na cena, como revelado no quadro abaixo.



HQ *Amargo despertar* (2019), detalhe. Disponível em: <https://www.marcafantasia.com/albuns/repertorio/amargodespertar/amargodespertar.pdf> (acesso: 24/03/20)

Esses olhos bizarros que brotam da escuridão se transformam em sombras que perseguem o narrador, perdido na estranha cidade. “A sombra da morte?” – indaga o narrador para si mesmo. Ele se vê encurralado, cercado por olhares. Eis a natureza fantástica da estética adotada nos traços dos quadros, os olhos são parte de uma cidade que se coloca a certa distância e que não possui um elemento

existente na realidade reconhecível. A trama é ambígua, o leitor é colocado em um ponto de vista obscuro, tal qual a ambientação do cenário, não é possível ver claramente.



HQ *Amargo despertar* (2019), detalhe. Disponível em: <https://www.marcadefantasia.com/albums/repertorio/amargodespertar/amargodespertar.pdf> (acesso: 24/03/20)

Avançando a leitura dos quadros, o leitor perceberá o início do conflito interno do protagonista. Ele se vê em um lugar estranho, ele se questiona e faz o leitor questionar a natureza do mundo real com ele. O caráter onírico da visão do protagonista é revelado com o abrir dos olhos.



HQ *Amargo despertar* (2019), detalhe. Disponível em:
<https://www.marcadefantasia.com/albuns/repertorio/amargodespertar/amargodespertar.pdf> (acesso: 24/03/20)

A realidade ou o que deseja ser momentaneamente uma nova camada do que o leitor pode compreender ser a realidade, enfim, é anunciada aos poucos: a prisão, o passado, as lembranças, o místico.

O protagonista desperta para o futuro que o aguarda, previamente, anunciada na perseguição dos olhares sombrios do início do conto: a morte. Sua face se transfigura e nas imagens dos quadros é possível notar que o protagonista narra as circunstâncias obscuras de sua consciência encarando o leitor. Em especial, nesse quadro a face do protagonista “foi tratada como um rosto, ela foi ‘encarada’, ou melhor, ‘rostificada’, e por sua vez nos encara, nos olha...”⁸.



HQ *Amargo despertar* (2019), detalhe. Disponível em:
<https://www.marcadefantasia.com/albuns/repertorio/amargodespertar/amargodespertar.pdf> (acesso: 24/03/20)

8. DELEUZE, Gilles. *Cinema – imagem em movimento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983, p. 115.

A expressão nos olhos é o ponto central dessa sensibilidade explorada no conto em quadrinhos. Os olhos das personagens e os olhos sombrios são como metáforas que aos poucos colocam o leitor cada vez mais afundado no território da incerteza, da magia ilusionista que é o campo da arte da ficção.

O irreal dubio: insanidade em dois tempos

O que é real? O que é irreal? O que é verdadeiro ou falso? Como saber se isto é ou não ilusão? Como o homem cria um mundo baseado em visões falsas? Como a insanidade engana a percepção do seu portador? Os dois contos aqui comentados carregam essas indagações, cada um fruto do seu tempo, apesar disso, as mesmas interrogações permanecem e atravessam os séculos. Embora as duas obras sejam de contextos distintos, elas manifestam preocupações análogas sobre a condição humana perante o que é a realidade e os seus simulacros.

O tema da ilusão, o simulacro e a mimese, ou seja, a criação de uma aparência falsa que engana os olhos do homem, é compreendido na cultura ocidental como uma espécie de ferramenta que corrompe as almas, exatamente como previu Platão ainda na antiguidade. Sobre o assunto comenta Lacoste (1986).

Assim, Platão reúne o pintor, o poeta e o sofista numa mesma definição do *trompe-l'oeil*, da aparência enganadora e dúplice. Todos eles são ilusionistas cuja pretensa competência universal é um fantasma tão irreal quanto o reflexo sobre o metal polido do espelho. Mas esse espelho que é a arte mimética não deixa de fascinar e sua magia não é uma metáfora. Esse ser menor que é a ilusão exerce, paradoxalmente, um fascínio que a filosofia deve dissipar de maneira assídua, incansável⁹.

9. LACOSTE, Jean. *A Filosofia da Arte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986, p.15.

Hoffmann, Freitas e Pessoa são ótimos ilusionistas, pois suas obras conseguem transportar o leitor para duas realidades de ilusões de maneira fascinante. São obras-espelhos que refletem os receios e temores de quem lê. Eles fazem o leitor entrar nos seus imaginários. O leitor adentra ainda as sub-ilusões criadas nas mentes dos protagonistas.

No contexto platônico, o filósofo adverte que a *mimese* é própria das artes, corrompe o homem quando consegue iludi-lo a acreditar em outro mundo que o satisfaça mais que a realidade. Platão tinha razão quando identificou que a *mimese* era parte estrutural das artes, “O homem de Areia” e “Amargo Despertar” exploram esse caráter das artes, pelas palavras e imagens. Entretanto, não ilude o leitor em sua totalidade, pois os dois contos narram histórias que desvelam irrealidades internas. Quando o leitor é surpreendido com a natureza da mente insana dos protagonistas, a realidade desaparece e o leitor deixa o *status* de iludido.

Além disso, há uma espécie de lição filosófica na revelação da visão de mundo dos protagonistas. No momento necessário, eles abrem seus olhos para a realidade, no conto do século XIX pela metáfora dos óculos, nos quadrinhos contemporâneos pela passagem da memória do protagonista. Em ambas circunstâncias, as duas narrativas mostram que a criação de um mundo irreal pelos protagonistas é fruto de uma mente corrompida pelas ilusões criadas por eles mesmos, formas de falsear a realidade para si mesmo.

Assim, o leitor poderá aprender que

[...] fingir, ou dissimular, deixam intacto o princípio da realidade: a diferença continua a ser clara, está apenas disfarçada, enquanto que

a simulação põe em causa a diferença do “verdadeiro” e do “falso”, do “real” e do “imaginário”¹⁰.

Ao contrário da clássica tese platônica acerca do poder de corrupção sobre a sociedade exercida pelos artistas ilusionistas, Hoffmann, Freitas e Pessoa, mostram, justamente, os perigos da distorção da realidade, os quais são criados nos disfarces que cada um imagina. Portanto, seus protagonistas são provas dessa simulação e seus contos são expressões que potencialmente podem emancipar a visão do leitor, pois adverte sobre o paradoxo “verdadeiro e falso”.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulações*. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, Antropos, 1991.

CESAROTTO, Oscar. *No Olho do Outro*. São Paulo: Iluminuras, 1996.

DELEUZE, Gilles. *Cinema – imagem em movimento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

HOFFMANN, Ernest Theodor Amadeus. *O Homem de Areia*. In: _ CALVINO, Italo (org.) *Contos Fantásticos do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, s/d.

LACOSTE, Jean. *A Filosofia da Arte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

MEUCCI, Arthur. Ensaio sobre uma revisão Crítica da História da Arte. In: *Estética USP 70 anos*. São Paulo: Ed.USP, 2004. (versão pdf)

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

10. BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulações*. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, Antropos, 1991, p. 11.